

CORPUS ELECTRÓNICO DO CELGA
– PORTUGUÊS DO PERÍODO CLÁSSICO –
(CEC-PPC)

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO

OS RELÓGIOS FALANTES

CENTRO DE ESTUDOS DE LINGÜÍSTICA GERAL E APLICADA (CELGA)

FACULDADE DE LETRAS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

2007

NOTAS PRÉVIAS

- Para fins científicos (estudo da linguagem e estilo de D. Francisco Manuel de Melo), apresenta-se o texto de *Os Relógios falantes*, registado em suporte electrónico, segundo a edição crítica preparada por Maria Judite Fernandes de Miranda, publicada em Coimbra, 1968, conjuntamente com a edição crítica de outro apólogo dialogal do mesmo Autor, *O Escritório avarento*, preparada pela mesma Editora (em separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, vols. XX-XXI). Acompanham aos textos, além de notas de aparato crítico, glossário, notas interpretativas, apêndices e bibliografia.

- Base da edição de Maria Judite Fernandes de Miranda: Ms. 8577 da Biblioteca Nacional de Lisboa.

- Sobre as normas que seguiu na edição, escreveu Maria Judite Fernandes de Miranda: «Na transcrição do manuscrito que me serviu de base (...), além de introduzir a pontuação e a acentuação necessárias e de regularizar, segundo as normas modernas, o uso de maiúsculas e minúsculas, modernizei a grafia, sem contudo alterar as formas gráficas que correspondam a formas fónicas diferentes. Conservei portanto, evidentemente, *chancerel* por *chanceler*, *pausagem* por *paisagem*, etc., etc., mas por outro lado regularizei o emprego caótico dos sinais gráficos das sibilantes (substituindo *cazo* por *caso*, *matris* por *matriz*, *paçar* por *passar* (...)), e da letra *h* (substituindo *he*, *hũa* (...) por *é*, *ũa* (...)), simplificando as geminadas, separando por hífen os pronomes enclíticos das formas verbais a que se apoiam (...)» (cit. de pp. 25-26 da separata). Deve ser notado, no entanto, que, em vários lugares, na edição de Maria Judite Fernandes de Miranda, se encontram formas modernizadas graficamente, a que podem corresponder formas fónicas diversas. Foram referenciadas por Pedro Serra, em notas de rodapé da sua edição de *Os Relógios falantes*, incluída em *Apólogos dialogais*, vol. I, Braga-Coimbra, Angelus Novus, 1998, pp. 1-31, e ob. cit, p. LVIII.

- A apresentação do texto é acompanhada de numeração inscrita entre parênteses rectos, que toma como referência a paginação da edição de *Os Relógios falantes* na separata acima mencionada. O número de página é antecedido da sigla RF.

- O texto foi registado em suporte electrónico por Daniel Neto Rocha.

[RF29] OS RELÓGIOS FALANTES

APÓLOGO DIALOGAL PRIMEIRO

Fazem a interlocução
um Relógio da Cidade e Outro da Aldea

Ao Doutor António de Sousa Tavares,
Desembargador dos Agravos, Juiz da
Coroa e Chanceler do Estado de
Bragança.

Por DOM FRANCISCO MANUEL

QUARE?

[RF30] PRÓLOGO

Senhor: Já ouviríeis a graciosa indecência com que disse um de nossos discretos que a imaginação era curral do concelho donde, por não ter portas, todo o animal tinha entrada. Se isto alguma vez foi verdade, na imaginação dos solitários se verifica. Persuado-me que, do próprio modo que ao homem só o investem seus inimigos, ao homem só o assaltam seus pensamentos, entre os quais não há nenhum tão covarde que deixe de fazer sorte naquele a quem ninguém defende. Todavia não sei que feitiços nos dá a solidão que, apesar de esses inconvenientes, quem uma vez a experimentou sempre a procura. Será porque, nela, entre o entendimento e o céu há pequeno intervalo, larga distância entre a vida e o perigo, quando racionalmente se busca e sábiamente se dispende...

Ora eu não avogo esta vez por ela, sendo seguro da afeição que vos deve. Porém, vós, em tudo não só varão da Justiça, mas varão justo, não podíeis, sem prejuízo da república, querer da solidão a posse; contentai-vos com a reverência... Nem ela espera de vós mais que a aprovação por exercício. Os fortes capitães tenham (como costumam), por aposento, os perigosos cornos da lua em os de seus exércitos. Alojem os sábios ministros (segundo vemos) nas ourelas dos tronos, que não estarão aí menos em seu lugar do que os homens desenganados escondidos pelas tocas agrestes.

Foi sempre a Fortuna pintora de paisagens. Assim, de longes e de pertos, de vistas primeiras e segundas, compõe esta fermosa perspectiva do mundo; donde é para notar que aqueles baixos materiais que em si não são outra coisa que tábuas, lenços, terras e azeites, de que a pintura se serve, ela os realça, levanta e ilustra de tal modo que agora nos parecem altos montes, agora soberbos edifícios, tal vez rios caudalosos e tal vez fresquíssimos arvoredos.

[RF31] Mas, ó senhor, adonde vou que, deixando (como a princípio vos disse) de par em par a imaginação, não tornei mais a entrar naquela da qual parece haver partido! Consenti-me tornar atrás; e, assentando que vivo só e que como só discurso e que como só entendo, ficará logo corrente a confiança da oferta que vos faço, enviando-vos este humilde conceito que uma vez cá me entrou na imaginação, por achar a porta aberta, e entrou para não sair até comunicar-vô-lo.

São os conceitos como as figuras que se vazam em moldes: sempre hão-de trazer a própria forma da matriz em que se engendraram. E, quando esta seja ilustre, pouco importa que a matéria o não seja. Estátuas vemos de barro altamente prezadas ou, ao contrário, as de ouro valem pouco, quando informes.

O primeiro fim com que escrevi este apólogo foi só por divertir-me dos penosos cuidados que há tantos anos me acompanham ou, por melhor dizer, me perseguem. Comparo eu a memória aos bugios (perdoai tão baixa comparação com que seja própria): se os não atais a um pesado cepo, em vez de entreterem com seus jogos, são proluxos e daninhos contra quem os cria. Assim é a memória vendo-se solta. Quando alguma ponderosa obrigação a não oprime, tudo revolve, tudo acarreta, lança a perder tudo e, no cabo, lastima e maltrata ao próprio que a alimenta. Depois, digo, prossegui este papel com nova esperança de interesse — bordão de todas as obras —; porque, desde que teve jeito de ser alguma coisa, o guardei para vo-lo apresentar. Pouco vai em que vá errado se há de parar em vossas mãos, ãa de mestre, outra de amigo. Não perigará em nenhũa, sendo certo que se tornam defeitos próprios aqueles que os amigos uns aos outros dessimulam. Fará, pelo menos, certo aquilo de que eu mais necessito; que, como todas estas rezões se derigiam a vós sòmente, não pus aqui palavra que não fosse de vós ãa lembrança. Do aplauso vos desobrigo e até da censura; porque vós nada lereis sem conserto e eu não quero de outrem ser lido. Escusai-me a este troco de que me gabe ou me desculpe, fugindo ao costume dos mais que, a cada passo, em o que julgam de seus escritos, se nos convertem de autores a leitores, dizendo-nos de si o que nós havíamos de dizer deles. Para ãa só acção vos peço voto, e seja para aprovar a eleição que fiz de vosso nome, por que, entre tanto merecimento, ficasse dessimulada a curta valia desta obra. Quanto ela alguma [RF32] hora montar na estimação de aqueles que lhe podem dar preço, a vós se deve e esse interesse vós o lograi, pois de vós há procedido, sabendo-se como eu tenho há dias feito um contrato com o tempo: quito-lhe a glória que pudera dever-me pelo que bem obrasse, com condição que me não injurie pelo que fizer a seu descontentamento. Tomo-vos por meu juiz conservador, para que lhe façais observar as condições deste contrato a que estou prestes.

Sobretudo vos guarde Nosso Senhor como desejo, etc...

Nesta aldea, em 20 de Setembro de 1654.

V.A. e D.
D. F. M.

OS RELÓGIOS FALANTES
APÓLOGO DIALOGAL PRIMEIRO

Fazem a interlocução um Relógio da Cidade e
outro da Aldea

R. C. — Seja V. M. muito bem vindo. Quem diremos?

R. A. — Conserte Deus a V. M., senhor Relógio.

R. C. — Tristes de nós, que logo nos conhecem pelas mãos como damas!

R. A. — E às vezes pelas badaladas como galantes; mas não é isso senão que nos corre a ferrugem pelas rodas, como aos homens o sangue pelas veas.

R. C. — Logo, relógio é também V. M.?

R. A. — Si, senhor, ainda que indigno.

R. C. — E donde, se se pode dizer?

R. A. — Vilão sou; não há aí negá-lo, que é a peor das vilanias.

R. C. — Antes já ouvi dizer a um pregador, na minha igreja, que cada um é obrigado a conhecer-se.

[RF34] R. A. — Si é, para emendar ou dissimular seus defeitos; não para se prezar deles.

R. C. — Contudo, V. M. me diga como se chama, que sua gentil presença me promete grande achado em tão boa companhia.

R. A. — Não se fie de aparências, senhor Relógio, porque dessa maneira nos está enganando todo o mundo; e até o mesmo céu, que cada dia nos parece azul, não tem cor alguma. O ofício dos olhos é ver e chorar e enganar.

R. C. — Sem embargo, a agradável presença é como sobrescrito de boa letra, que mostra será a carta da própria mão.

R. A. — Também nesta pouquidade nos trapaceam os grandes: porque de ordinário, o corte não é do mesmo pano que a amostra.

R. C. — Nem a nota irmã da firma. Mas deixemos para outra hora o ler por sentença, e vamo-nos hoje por carta de nomes. Como é o nome de V. M.?

R. A. — Sou, com perdão, o Relógio da Vila de Belas; ou sem perdão (para melhor dizer), porque nunca fiz erro que se me perdoasse. Parece que só para mim anda o mundo concertado!

R. C. — Tá, tá, tá! V. M. é o Relógio de Belas? Grandes cousas tenho ouvido de seu bom gosto! Dizem por cá, finalmente, que V. M. é Relógio de Belas mas não é belo relógio...

R. A. — Zomba V. M., porque me vê aldeão. Pois também lá dizem que cantam as moças: «Relógio que andais errado, que não dais as horas certas!».

R. C. — Quem queres tu que tape a boca aos namorados, ou lhes acerte [RF35] com a vontade com que o mesmo Amor não atina? Donde eu cuidei já que, por isso, o pintaram com os olhos cobertos, como mula de atafona, porque, às muitas voltas que os amantes lhe fazem dar, o coitado endoudecera, se vira.

R. A. — Tenho feito minha obrigação nomeando-me; fazei vossa cortesia correspondendo-me. Quem quereis ser? Por qual mandais que vos tenhamos?

R. C. — Quem gostareis vós que eu vos saia? Sou esse cansado, esse negro, esse maldito Relógio das Chagas, de Lisboa.

R. A. — Chagado e ferrugento vejo eu a V. M., para ser tão grande e tão antigo cortesão, de quem a fama publica mil galantarias.

R. C. — Ó saloio, por bom modo me desonrais de mentiroso!

R. A. — E vós a mim de vilão com bem mau modo!

R. C. — Por isso se diz que não há alfaiate bem vestido. Nunca vereis menos cortesia que na corte. Anda o mundo desconcertado e o peor é que nos põem a nós a culpa.

R. A. — Essa manha sempre ele a teve; e muitas vezes, cá pelas minhas mossas de ferro, hei notado que de contínuo os baixos pagam os encontros dos altos, que é justiça de canhoto ou esquerda justiça. Opõem-se lá no céu dois planetas, eclipsa-se o sol ou a lua, e nada de tudo aquilo prejudica ao céu. Pagam os campos, as sementeiras e tal vez os homens, as paixões que passam as estrelas no seu firmamento e os planetas em suas esferas, como se nós os atiçássemos — o que me cheira a sem rezão de duas em carga. Na terra é do mesmo modo; os homens desmancham o mundo, e os relógios tem a culpa.

R. C. — Ora, pois todos somos de campanário, será bom que nos vejamos os jogos, como bons parceiros. A que vindes a esta casa?

R. A. — Ao que vós estais nela.

R. C. — Dir-vo-lo-ei: sou tão mal escançado que, sendo eu dos mais [RF36] anciãos relógios da Cidade, me deram por aio um mentecato. Vede que gentil censor podiam ter os meus desvarios!

R. A. — Muito tempo há que o tempo é esse! Ña cousa vos digo: que, quando por mais não fora que estar sujeito à censura dos parvos, se não podia ser discreto.

R. C. — Vou avante. O meu pedagogo era torto e mandavam que me endireitasse; cousa impossível, por quem já disse o ditado castelhano, que «solo Diós acierta a reglar con regla tuerta». Enfim, era um tesoureiro que entesourava quanto lhe davam, por ter cuidado de meus descuidos. Jamais me untou as rodas, pelas untar ao carro de seu proveito; jamais me limpou, temendo sujar-se. E, então, porque pela culpa alhea eu não sou a mesma pontualidade, em lugar dos pesos, que me não levantava, me levantou mil falsos testemunhos, tantos que, juntos à ruim suspeita que o povo do meu bairro sempre teve de minha verdade, não descansaram meus inimigos até não darem comigo em casa deste maldito caldeireiro donde nos vemos e donde dizem que já não sairei senão para o ferro velho, depois de haver em vão tomado mil suores de fornalha, dois mil banhos de forja e quatro mil esfregações de bigorna, que não sei como sou vivo. De sorte, amigo, que as mentiras e trapaças de aquele tacanho eu hei-de ser quem as pague! A fama de mentiroso ficará para sempre comigo, e o falsário será satisfeito. Não só as rodas me andam todas ao redor, ou me desandam, mas a mão, a cabeça e tudo se me desconcerta, cada vez que cuido no engano dos tolos dos meus fregueses e na malícia do malvado sancristão, por quem se me azaram tantos males. A isto vim, nesta afronta me vejo. Notai como anda a nossa Corte bem governada!

R. A. — Como quem se governa pelo Relógio das Chagas...

[RF37] R. C. — Por mim, não, mas por outros melhores sim; porque todos os que nos governam trazem seus relógios consigo, por ser insígnia do homem de estado, os quais eles temperam sempre à sua vontade... De maneira que, governando eles como querem a seus relógios, se governam por eles, e assim vivem sempre ao gosto de seu gosto. Boa ordem! E então, que só seja conhecido por fabuloso o pobre Relógio das Chagas, que com ninguém se mete! Assi vai tudo direito!

R. A. — Sempre ouvi dizer que era manha de ministros fazerem-se eles os relógios da república, e fazerem que os mais dessem horas como relógio.

R. C. — Tendes razão; e por isso um pintor astuto, mandando-se-lhe pintar o símbolo de um ministro, pintou um relógio ao revés: a campainha para baixo e os pesos para cima.

R. A. — Que queria dizer nisso? Diria, por ventura, que os ministros trazem sempre sobre si os pesos e os pesares da república e que a língua, significada no sino para baixo, é a que deve andar por baixo de tudo sem aparecer?

R. C. — Não, por certo; mas porque diz lá um provérbio que a nós outros os relógios todos nos crem e nenhum nos adora. Por isso, o pintor, agudamente pintando um relógio às avessas, quis dizer que aos ministros todos os adoram mas ninguém os crê.

R. A. — Senhor Relógio da Cidade, badalemos limpo que as paredes ouvem e as de campanários nunca foram de segredo.

R. C. — Olhai ora cá: se o estar sempre à dependura me não há-de valer para tirar o medo de não morrer enforcado, melhor é acabar logo por ãa vez.

R. A. — Cal-te, que te fundirão!

[RF38] R. C. — Pois que importa? Farão de mim campainhas e então lhes direi por cem bocas o que não querem ouvir de ãa. Par Deus! mas que me fundam, mas que me confundam, eu hei-de tanger sempre a verdade!

R. A. — Por isso tu cá vens por mentiroso... Diz que a verdade da língua dos que a não falam, é como a água do Chafariz d'El-Rei que, por correr por canos de enxofre, sempre faz mal ao fígado.

R. C. — Fígados há aí tão danados que da água pura e clara fazem peçonha.

R. A. — E tu, amigo, que ganhas em desenganar o mundo, que se não quer desenganar? O sumo grau da sandice é perder-se um pelo ganho do outro.

R. C. — É nobreza de coração e ainda proximidade não deixar perseverar a ninguém no seu engano.

R. A. — Vou vendo que V. M. terá maior bem que bom ofício; mas se sabes como se paga?

R. C. — Como?

R. A. — Nunca ouvistes de um que se vingava dos cães que lhe ladravam levantando-lhe que eram danados? Pois o próprio sucede entre os homens. Donde, em nossos tempos, já houve algum tão desapiedado que disse não havia vingança como a de

ũa ruim fama; porque, tendo cada pessoa mais inimigos que amigos, sempre eram mais os que a criam que os que a duvidavam. Nem seria pequena vingança deixar (pelo menos) o crédito do contrário duvidoso. Isto apeteceis? Isto solicitas?

R. C. — Vindes tão sabedor que me pareceis antes Relógio da Universidade de Coimbra que da aldea de Belas.

R. A. — Não há vilão que não saiba para seu proveito.

R. C. — Assim deve de ser, segundo os que eu via aproveitados desde a minha torre, quando Deus queria...

[RF39] R. A. — Essa cousa é natural: os pequenos são os que crescem. Nenhũa árvore vereis que se contente com ficar baixa e aparada: ou se levanta ou se seca. As grandes param e, se fazem mudança, é para deminuírem; murcham-se e caem. Em os homens passa da mesma maneira: os que são muito crecidos não podem ser maiores, antes, se se abalam, é só para a ruína; os que se vem em estado ínfimo procuram avantejar-se, e tanto se esforçam até que se estiram. Enfim, tudo aquilo que já é, não cuida de ser; e tudo aquilo que ainda não é, de nenhuma outra cousa cuida. Donde vem...

R. C. — Já sei o que vem: erguerem-se as tripeças, abaixarem-se as cadeiras. É esse bom governo do mundo? Se terão também disso a culpa os relógios da cidade? Mas V. M., senhor Relógio de Belas, com toda sua prática vai dessimulando muito bem a causa de sua santa vinda.

R. A. — Pecadora, e por meus pecados, lhe chamaí vós, se não chamar-lho-ei eu.

R. C. — Arrebeçai, arrebeçai, que vos vejo com engulhos de desgraçado. Salvo se sois de uns hipócritas de desaventuras que, por se fazerem gente, se metem também em reste com os mofinos.

R. A. — A esses tenho inveja porque, ao menos, está em sua mão deixarem de ser desgraçados cada vez que o diabo os atenta com serem verdadeiros.

R. C. — Muito me retinis a letrado, relógiozinho de por aí além! Dizei vosso dito.

R. A. — Direi; porque, na comédia do tempo, tais são já nossos tempos e feitos, que todos podemos dizer nossos ditos.

R. C. — Valha-me Deus! Sendo relógio que tantas horas dais para os outros, só para vós falta ũa hora!

R. A. — Das muitas que tenho me pesa. Mas ouvi: penduraram-me [RF40] há trinta anos, não sei se é cheminé ou campanário a casa da minha vivenda; e assim, sem

mais nem mais, mandaram-me ser relógio que governasse a terra sobre a minha palavra. Eu, vendo-me donde nunca me havia visto, como não fora outra vez gente, fazia-me pedaços e cursava todo o dia e noite sem atinar jamais com minha obrigação. Donde vi que a boa vontade, desarmada da ciência e experiência, não basta para fazer homens peritos, como cá cuidamos. Depois que, com ruim satisfação dos moradores e peor grado dos passageiros, não relojava cousa com cousa, resolvi-me a parar e não se me dar de nada. Assim o fiz e amuei-me de feição que, nas vinte e quatro horas do dia, minha boca se não despregava. Entendia eu que o silêncio me podia fazer benquisto, como se o não fazer nada mal feito pudesse suprir a obrigação dos que são obrigados a fazer cousas bem feitas.

Ora os vizinhos, vendo-me parado, encomendaram-me a um alveitar que vivia junto de mim, o qual aceitou logo a comissão, muito persuadido de que, por eu ser de ferro e ele tratar em ferraduras, logo atalharia meus desconcertos. De aqui procedeu que o pobre ferrador, empregado em o que não sabia, deu comigo e deu consigo de avesso. Porque os viandantes, vendo-o já mestre de relógios, não ferravam na sua tenda; e os moradores, sabendo quão mal relojoeiro lhes saíra, não lhe pagavam o selário.

R. C. — Mofino homem! Quantos eu conheço que por isso mesmo medram: uns por tomarem os officios que não são seus, outros por fazerem o que não sabem.

R. A. — De que sorte?

R. C. — Porque vendem a sua ignorância por mistério; e, como ninguém quer mostrar que ignora o que outro mostra que sabe, fica-lhes mais perto aprovar a parvoíce alhea que descobrir a própria.

R. A. — Deixai-me já fenecer o meu conto.

R. C. — Até a vós, se quizerdes.

R. A. — Pois eu, vendo-me tão maltratado, fiz-me louco.

[RF41] R. C. — Tende mão! se de essa laia é o vosso pano, em boa hora cá viestes.

R. A. — Porquê?

R. C. — Porque nos custam cá os doudos os olhos da cara. Val aqui a doudice pesada a peso de ouro; e de aí nasce que são mil as castas de nossas teimas. Cada qual se quer trajar de a seda do costume e a que se costuma, ainda que seja de ruim lei e feitio, é a que val mais cara. Parecer-vos-á agora bem um saio de arbim de espadas? Ou um sainho de palmilha, como já vestiram os reis e as princesas? Pois isto mesmo é agora um sesudo.

R. A. — Pois, se assim é, bem disse logo o outro, antigamente, que «na doudice só consiste o siso».

R. C. — E outro mais antigo que este: «arrenego de meu pai se desta água me não molho!».

R. A. — Sempre os desvarios acharam maré de rosas e mar bonança para o aplauso do vulgo.

R. C. — Vamos ao ponto. Como vos fizestes doudo? Ensinai-mo pelo que pode ser...

R. A. — Desta maneira: nunca dava hora com hora. Ainda os louros raios do sol não punham nos beiços do Oriente já eu escascava o meio dia. Era alta noite quando apenas acudia com as seis ou sete.

R. C. — Estou vendo que te não apupariam por dar mais de seu direito. A liberalidade, até do que não val nada, sempre valeu muito. Mas que proveito conseguistes dessa insânia?

R. A. — Grande. Primeiro, fazer minha vontade.

R. C. — Sanha de vilão. E depois?

R. A. — Depois... que, sendo geralmente malquisto de meus vezinhos, me tiraram o ofício em breves dias, porque diziam eles que assaz melhor e mais barato lhes serviria de relógio a gula do sancristão ou a preguiça do cura.

R. C. — Bem afirmou, logo, o que afirmava não trazia o relógio na algibeira [RF42] mas no estômago. E tal houve que disse tinha sempre as horas na ponta da unha porque, com ela, acomodava como queria a mão do seu mostrador.

R. A. — Oh diabo! Se unhas foram relógios, quem se entendera com as horas da nossa terra? Mais horas tivera então um dia que agora um ano!

R. C. — Muita graça tinha aquele escolar que consultava à candeia que horas eram pelo relógio do sol.

R. A. — Que me dizeis?

R. C. — Pois acrescentai-lhe que morreu ministro do maior tribunal do seu tempo.

R. A. — E como sentis do outro que, desmentindo o sol o seu relógio, jurava e trejurava que o sol era errado?

R. C. — Esse era como o nosso Barraça, que queria matar o sol porque lhe não enxugara o seu mantêu enrocado. Esta é ãa relé de malhadeiros gloriosos, que tem por

certo que tudo o seu é melhor que o da outra gente. Não matou mais a peste grande que esses, com suas presunções e profias, tem morto de pessoas.

R. A. — Mas, como vos ia dizendo...

R. C. — Tente mão: já sei que vos trouxeram aqui à força. É mais que isto?

R. A. — Senhor, não!

R. C. — Pois, amigo, encostai o pejo, e descalçai a vergonha, porque haveis de saber que nesta casa em que estamos se vem a curar os mais ilustres relógios da Corte e reino.

R. A. — Valha-me Deus!

R. C. — Disto vos espantais?

R. A. — Não; não me espanto de que se venham curar, senão de que cuidem que ainda tem cura...

[RF43] R. C. — Ora não negareis a malícia de saloio, de quem dizem doutores que é certa selada de gentio com seu azeite e vinagre de Mafoma.

R. A. — Isso não por mim, que decendo de mui nobre ferro, fidalgo biscaíno, com suas misturas de aço de Milão, cavaleiro lombardo.

R. C. — Menos roncás, se lhe praz, que fidalguias de mar em fora são como trigo do mar: sempre vale menos que o peor da terra, e lá tem de ordinário seu fortuna, donde é conhecido por bastardo. Contentai-vos com ser cristão velho, sem esbarrar pela ladeira abaixo da fidalguia, que é a mais sensabor empreitada que tomam os madraços. E, quanto é por essa, eu fico que nenhum bem vos suceda. Sede relógio, como vossos antepassados; e, se acaso vos achardes filho de um ferrolho e neto de ãa enxada, calai-vos e não esbombardeeis, que, como estejais em alto estado, eu vos fico que nem por isso tina peor a vossa campainha — quanto mais que não faltará aqui algum linajudo que, a troco de quatro réis, vos enxira na árvore dos sinos de S. Pedro in Vaticano. Fazei de vos prezar de vossa sorte, que assim fazem os honrados.

R. A. — Mal poderei desprezar-me dela, tendo-vos nela por companheiro.

R. C. — Que mais quereis que vos diga? A primeira vez que aqui vim curar-me, encontrei cá o Relógio da Sé, muito em segredo, que se vinha emprastar e remedear de mais de mil enfermidades.

R. A. — O Relógio da Sé em casa do serralheiro?

R. C. — Esse mesmo.

R. A. — O da Matriz?!

R. C. — O próprio.

R. A. — Que lhe doía ao Relógio Matropolitano?

R. C. — Padezia ãa modorra mortal.

R. A. — Por que causa?

[RF44] R. C. — Porque o senhor sineiro, a fim de lhe caírem as matinas baixas pela manhã, tudo era fazer dormir toda a noite o bom relógio. Faltava o tempo para louvar a Deus e sobejava para o seu sono. A cidade andava revolta com sua revolução. Deram-lhe na trilha ao inocente mas não ao pecador que, pondo em pés de verdade suas mentiras sem pés nem cabeça, prevaleceu de tal modo que à calúnia cedeu a inocência, e o pobre do relógio, quebrando-lhe a hora na boca, houve de ser o culpado na madorra do valhaco e em vir passar esta vergonha que agora está passando por nós outros. Vede como seria bem emendado o desconcerto, curando-se a inocência do relógio e ficando em seu ponto a poltronaria do sineiro!

R. A. — Grande caso! Agora digo que não samos os aldeãos os mais mofinos, vivendo em perene desterro das cortes e cidades, se nelas vai tanto de monte a monte a má malícia.

R. C. — Bem pareceis boçal! Pois, se eu vos contara outro segredo, ficáreis frio!

R. A. — Contai, mas que me deixeis congelado.

R. C. — Juraís vós de manter silêncio?

R. A. — Juro pelo alto sol que nos governa e assim eu me veja livre da lima e do martelo deste vilão, sub cujo poder nos vemos.

R. C. — Ora sabeí que os anos passados deu ãa desenteria ao Relógio do Paço, tão desordenada que ninguém o julgou à vida.

R. A. — Hui! Também lá chegam esses desmanchos?

R. C. — Antes ali são mais cadimos.

R. A. — Quem tal fizera crer ao senado da minha aldea?

R. C. — Ouvi-me: eis o Relógio do Paço que entrava muito em secreto por casa do mestre, donde eu também jazia por travessuras, mas já convalecido, quando começam a vir recados do provedor das obras del Rei que logo [RF45] fosse consertado porque, por falta de relógio, andava todo o Paço sem conta nem peso nem medida. O pobre serralheiro dizia que tinha muito que consertar, porque naquela casa, não se costuma acudir aos remédios senão depois que os danos são irremediaves. Nada lhe valeu até lhe mandarem alcaides à porta. Vendo-se, pois, o triste homem tão afligido, apelou da violência para a indústria. Vem e que fez? Pois não faz nem mais nem menos que tomar-me a mim em corpo e em alma e chimpár-me na metade da torre do Paço,

como quem não diz nada. E, sem me dizer a mim cousa algũa, ferrolha a porta e vai-se. Confesso-vos que estranhei vendo-me naquelas alturas e que, como pregador sáfaro, me espantava o grande auditório. Mas, finalmente, esforçado e fazendo das tripas coração, sabendo que não havia outro remédio e que o mestre me achava digno daquele officio, me determinei a servi-lo como pudesse. Chegada a primeira hora, escumei a voz e compus o movimento. Vou e desando. Par Deus, que soei como outra cousa! Tão pontualmente assisti a meu exercício que até eu próprio me desconhecia; pois, como lá dizem, se quereis conhecer o homem, dai-lhe mando.

Mas, como quem más manhas há tarde ou nunca as perde, ou fosse disto ou do saibo da vasilha ou do ar corruto que me deu no alto da vaidade, brevemente comecei a fazer tais cousas que o mundo se tornou um novelo. Sabia que nos tribunais meus sufragâneos se costumava a entrar às sete horas; e, em sendo tempo de que as desse, eu dissimulava com o negócio até às nove e, então, com grande sumissão, escassamente dava as sete. E, como também tinha entendido que o despacho se continuava até as onze, antes que fossem bem dez já vinha com elas. Durava apenas uma hora o expediente dos tribunais. E suposto que as ampulhetas ou relógios de [RF46] area me desmentiam a cada hora, contudo havia ministros tão meus afeiçoados que tomavam sobre sua consciência a minha verdade, afirmando que nunca tão ajustado andara, como então, o Relógio do Paço; que minhas rodas mereciam ser de ouro, e bálsamo o azeite com que se temperassem. Pois as mulheres e os criados destes, que os viam recolher cedo contra seu costume, aí vos gabo eu que tinha as bênçoas certas. Tal havia que ao meu consertador julgava digno de um hábito de Cristo. Com os requerentes me não ia tão bem porque os mais, vendo-se desacomodados de monção e para tudo faltos de horas, me amaldiçoavam pela boca pequena. Nas audiências del rei, aí era homem e aí era a sua total desesperação deles, porque fazia de modo que, das dez às onze, não punha meia hora.

R. A. — Não tínheis escrúpulo de ser ladrão do tempo?

R. C. — Não; antes entendia que ao rei e à República fazia grande serviço, atalhando assim prosas de soldados faladores, queixas de letrados presumidos, orações de frades descontentes, impertinências de velhas lagrimosas, que vem a ser, em suma, os quatro elementos de que se compõe e descompõe o mundo dos negócios ou os negócios do mundo. Por eu deixar com a palavra na boca e a misura no ar a um ratinho, dera quanto se vê do meu campanário. Porque tal há destes que, por teima de que seu vizinho não seja almotacel no couito de Leomil, vem a pé sessenta léguas à corte, gasta o

que tem, cansa a el-rei, mata aos ministros e, no cabo, volta-se a sua terra, e por dois magustos que ambos merendam, depois de mui bem desonrados ele e seu compitidor, ei-los amigos. Pois que vos [RF47] parece? Será matéria de restituição desaviar a um destes na audiência e cercear meia hora, a troco de que para ele a não haja nem para el-rei tal enfadamento? Ora deixai-me a mim com minha consciência, que mais vos contarei de travessuras que tenho feito. É um conto largo!

R. A. — Se elas forem tão sazoadas e merecidas como as que fazeis aos fidalgos da Beira, ouvi-las-ei eu de muito boa vontade.

R. C. — Assim como me dava o faro de que algum bacharel impertinente estava marcando as horas para dar assalto em casa do regedor ou do presidente do Paço, sabeis que fazia? Furtava-lhe a volta e, sumindo o curso, guisava de tal sorte o movimento que chegava ele duas horas depois do regedor e presidente serem idos. Era um gosto ouvir lamentar a estes licenciados enfadonhos, quando tal lhe sucedia. Choravam-se, diziam mal à sua vida, a hora em que naceram e o costume da Corte donde sempre faltava o tempo para o que era necessário. Depois, convertidos contra mim, tudo era lançar a culpa ao maldito Relógio do Paço que os enganara (como se lá fosse estranho!). Eu ria e arrebatava de os ver e de os ouvir e cada vez lhas fazia peor. Já namorados! Isso foi ãa só cousa! Fiz deles gato sapato. Filhas de ourives e mercadores, ricas e delicadas, tive toda a noite em pé, como centúrios, sem que acabasse de dar a ãa, sabendo que este era o sinal para que lhe acudissem a falar seus galantes. Logo em vendo que falavam, dava de esporas ao passeio e, em meia hora de conversação, choviam horas sobre eles. Punha-se-me ãa alma nova ouvindo-lhe trocar [RF48] os requebros em querelas e conceituarem sobre a ligeireza com que passam as horas do contentamento, vendendo-lhes eu gato por lebre, cada noite. Porque, assim como de noite todos os gatos são pardos, até de dia todos os amadores são cegos. Mais moços tenho desesperado que o gagau e a carteta; ãa vez por ronceiro, outras por estugado, sempre lhes dava desgosto nas horas de seus passatempos. Tafuis não tinham comigo medra; porque, fiados no relógio que ainda não dera ou sim dera, os fazia recolher por chuvas, neves e ventos, mortos, acatarroados e fora de horas, cheos de sono, vazios de dinheiro. Enfim, procurava de os mandar pelas ruas à vergonha que, pois este vício não tem pena pelas leis (ou se lhe não executa), ao menos eu lhe queria dar aquela que podia. Já como eu soubesse que homem casado com mulher brava e ciosa anoitecia fora de casa na conversação escusada ou ilícita, então era o meu repouso; dormia como carapeta. Eles, confiados em que o Relógio do Paço não podia ter dado as nove horas (que é a taxa de

todo o cativo do matrimónio), se deixavam estar departindo outras nove horas. Eram já as doze quando eu despedia as nove. Não há carreira de lebre do Alfeite tão gostosa como eram para mi as carreiras que eles davam para casa, atordoados do medo e dos sinos da meia noite. Caçadores, tenho enterrado muitos mais com raivas que lhes hei feito do que tem com madrugadas o seu próprio ofício. Aos lampeiros me fazia preguiçoso e, confiados em minha palavra, os detinha entre os lançóis, até ser alto dia. Desesperavam-se de que eu os castigasse com o regalo — que há gente tão extravagante no mundo que lhe faz mal o que lhe está bem! Contra os poltrões era a própria diligência. Quatro horas antes do [RF49] dia os mandava esguichar pela porta fora, arrenegando do desenfado e do relógio. Mil galanterias tenho feito a damas e a freiras, destas que celebram as meias noites com procissão de gulodices custosas e arriscadas. Em me cheirando às filhós, em me dando o vento da empada ou em vendo reluzir o prato de ovos, não havia doze horas na minha tabuada do sábado para o domingo; mas pagava-lhes esta demora sendo prontíssimo em dar meia noite as noites da quinta para a sexta, com o que tenho desperdiçado tantas ceas no paço e nas casas dos grandes senhores que as quizeram muitos para o jantar de muitos anos. Tomei por devoção não dar à gula nem à ociosidade nenhum adjutório. A uns acomodados que tem como por onzeno mandamento jantar às onze horas, hei feito tais trapaças e de tão bom humor que me puderam levantar estátuas como a Pedro de Malas Artes, Gusmán de Alfarache e Pablillos el Buscón. A estes confrades da vianda, irmãos da Mesa de Santo Entrudo, fiz a maior guerra porque, descompondo e fingindo sempre as horas da comida, lhe dei mil azos a mil acidentes de mal de estômago e de urina e, tal vez, a muito reverendas apoplexias, donde, de ordinário, os glutões vem a pagar seus excessos. Para beatas do meu bairro era um cutelo de dois gumes. Nunca lhe dei hora a propósito de seus propósitos; porque vim a entender por experiência que, na maior parte desta gente e seus costumes, mora a superstição e hipocresia. Preguntai que mais virtude pode ter ãa de suas orações a tal que a tal hora? E velha conheci já que ensinava às moças que as pragas rogadas das onze para o meo dia eram de vez, porque todas empeciam. Pois logo eu a estas as socorria com horas a tempo nem a horas!... Todas as trazia em um vivo enleio e com o próprio engano [RF51] que elas traziam a outros e outras cachopas de S. João, às quartas feiras, e da Virgem do Monte às sextas — que vão mudas à romaria espreitando o que diz a gente que passa, donde afirmam que lhes não falece a reposta de seus embustes: se hão-de casar ou não com fulano, e se sicrano vem da Índia com bons ou maus propósitos ou apalavrou lá, em seu lugar, mestiça, filha de baneane. Juro-vos

que a toda esta canalha fui falsário e que as trouxe tão desvairadas com meus acintes que muitas se queriam mudar de bairro, pelas falcatruas que lhes fazia o Relógio. A cegos rezadores, homens de almas, aguardenteiros e vendedeiras, enfim, a toda essa chusma dos matutinos, fui peçonha. E solicitador havia na vizinhança tão presumido de bem informado nas cousas curiais que, ouvindo de sua pousada vinte relógios, não se queria reger senão pelo do Paço, com que dava com as demandas por esses trigos.

Porém, tudo isto não era nada em comparação do que lhe sucedia ao coitado do verdadeiro Relógio Palatino que, em meu lugar, foi levado à Torre das Chagas. Era ele boníssima pessoa e muito inclinado à rezão e, como dos passados desconsertos se achava vergonhoso, trabalhava sempre por falar verdade e ser pontualíssimo em seus ditos, vindo com as horas muito a suas horas. E porque o adro da minha igreja já de *ab initio* não é mais que ãa torreira de mentirosos, valhacos e vadios, de verão à sombra e de inverno ao soalheiro, sucedia que, quando algum de aqueles poltrões ia enxarceando ãa patranha que, em quatro horas, não acabaria de aparelhar e se neste ponto o bom do relógio dava com grande consciência o seu meio dia, a cujo som os ouvintes alimpavam os pés à conversação — alce Deus sua ira! — então começava o diabo do charlatão a converter sua eloquência contra o relógio, afirmando que não eram as onze, e que tal relógio merecia queimado e cortada a mão que cuidava dele; e que, por isso, o mundo [RF52] andava tão ajustado, porque a gente se governava por tal fole de mentiras. Finalmente, choviam os opróbios, que o triste do relógio ouvia e calava, a troco de fazer o que devia. Pois uns felpudos desalmados, destes que acodem às igrejas ao domingo por cumprimento, se em vez da missa, que não ouviam, ouviam então dar a ãa ou as duas horas — livre-nos Nosso Senhor! — não faltava mais que apedrejá-lo!

R. A. — Amigo, não vos canseis que se não pode já ser relógio; e, posto que outro inconveniente não houvera que esse de estar sujeito um relógio de bem a o não quererem crer patifes, bastava para que cada um de nós fosse a buscar outra vida, como eu estou resoluto a fazer. Cansado ofício temos: julgar a aqueles de quem havemos de ser julgados! Antes fora caveira de relógio, se na minha mão estivesse a faculdade de poder tomar ofício. Mas, sobretudo, admirado me tem essa vossa relação. E como saístes da demanda?

R. C. — Ainda agora lá estivera e fora muito por minha vontade, porque sem dúvida tenho mão para bargantes e ali fazia das minhas. Achava-me gordo, nédio, luzente e untado, porque isto de falar à vontade de cada um é mais sadio que galinha cozida. Foi o diabo meter em cabeça aos architectos del rei que lhe pedissem mandasse

fazer outra torre maior e mais alta — que isto é o que tem de peor as casas dos príncipes: novidades, alturas, crecenças e mudanças — e que mudasse o relógio a parte onde melhor se visse e mais soasse. Mas o caso era que os architectos queriam obras para si, ainda que para os outros fossem de misericórdia. Assim foi feito; e, como o mestre relojoeiro tal entendesse, antes de ser colhido na trapaça, foi e [RF53] apeou-me quando eu estava no melhor do meu mundo. Destrocou-nos, tornando cada um a sua antiga casa. Porém, é muito para notar que eu, que até então sendo Relógio do Paço me via tão benquisto de verdadeiro, em tornando a ser Relógio das Chagas, logo fui tido pela mesma fraude e mentira; sucedendo-lhe ao revés ao Relógio do Paço que, em subindo a seu campanário, ficou tão aceito como sendo Relógio das Chagas era murmurado. Sendo assim que nós já de arrependidos havíamos trocado os humores e os propósitos. Porque o Relógio do Paço, vendo que nas Chagas lhe não valiam suas verdades, deu em mentiroso por se vestir da libré do tempo; e eu, desenganado de seus aplausos, vendo-me velho e com os pés para a cova, comecei a falar verdade. Mas a nenhum de nós pôde ser bom seu pensamento, indo sempre ambos correndo à trocada: eu, desmentido das minhas verdades, ele, aplaudido pelas suas mentiras.

R. A. — Não se desconsolle V. M., que estas são as justiças do mundo, donde há dias (como V. M. melhor sabe) que ninguém val pelo que é, senão pelo lugar em que o vemos. Até no céu (ouvi já aos astrólogos da minha aldea) são os planetas bons e maus segundo o lugar em que se acham; e o que de si é bom, posto em ruim parte influi nocivamente. Ao contrário, também quando o mau se acha em lugar bom, despede, senão benignos, moderados os influxos. Para que é mais? Os mesmos números da aritmética, que é a própria verdade do mundo, valem segundo estão. Quero dizer que tem o valor conforme o lugar. Porque, se vires um quatro com três figuras atrás de si, valerá quatro mil, e se detrás de todas essas figuras, valerá quatro réis.

R. C. — Si, grande cousa é que as figuras vão atrás ou adiante. Figuras de muito má figura conheço eu que as vi já andar atrás doutras muitas figuras, e valiam então tão pouco como dizeis. E hoje, mudaram o valor, o estado e a figura, porque se vêm diante de muitas figuras ou adiantadas a outras. [RF54] Mas o que me conforta é que por isso são figuras. Adverti que, já neste sentido de que nenhum dos caracteres de aritmética tem valor próprio, a uns chamamos figuras e a outros cifras; donde se nota que nenhum deles é cousa senão representação de cousa, figura e cifra de alguma cousa. Esta diferença haveis de saber que vai de figuras a pessoas. As pessoas sempre representam o que são e as figuras, como não são nada, nunca têm outro valor

salvo o que os homens lhe constituem, que hoje lhe dão e amenhã lho tiram. De modo que quem lho concedeu lho pode negar e a figura que hoje se representa muito magnífica, amenhã se representa miserável. Mas então eu, que estou de fora, se tenho os pesos ou o juízo em seu lugar, sofro que a figura represente sua valia e sua grandeza, enquanto lha deixam, e depois olho e vejo-a ficar em aquilo que dantes era, e às vezes menos, e não é nada. Com esta satisfação que o tempo me dá passo a raiva e a inveja sem inveja nem raiva, muito quietamente.

R. A. — Esse é o siso e tudo o mais é ser escudeiro de Fernão d'Acha.

R. C. — No tempo dos últimos reis de Portugal houve cá um valido muito discreto (como era bem que todos o fossem). Recebia este notaves cortesias de outro tal pretendente. Foi despachado como quis e nunca mais viu ao valido nem lhe tirou o chapéu. Toparam-se um dia na Rua Nova da Palma, que é longa, estreita e sem travessa. Um vinha, o outro ia. Tanto que o requerente (ou despachado) viu o valido, voltou o cavalo para donde ele vinha. Apressou o seu o requerente, trotou... trotou o valido também; ele correu, correu o valido, do mesmo modo, e dizia gritando: «parai senhor fulano, e dizei-me se isto é verdade». O requerente, sem parar, lhe [RF55] respondia, correndo: «si senhor, isto agora é verdade, que o passado era mentira».

Já cuidei, certo, à vista deste e de maiores exemplos, que com grande providência permite Deus haja entre os homens estes enganados, ordenando que assim como os ministros se fazem aos olhos do mundo aqueles que não são, assim os lisonjeiros se façam aqueles que não são aos olhos dos ministros, para que, depois, desfeita no vestuário do tempo esta farsa em que todos andam, se não achem enganados uns nem outros. Pois se os grandes mostram que não são aqueles que se fingiam, vejam também que nem os pequenos são aqueles que se lhes mostravam; e assim, estes e aqueles (como comediantes), cada qual em seus trajes naturais, se recolham a sua casa própria, que vem a ser a sepultura, donde cada qual vai então só com o cabedal que lhe deu a natureza, despindo os faustos e as tramóias com que, para representarem suas figuras, os adornou a ambição ou a soberba.

R. A. — Dias há que eu conheço que muitos se queixam do mundo, quando lhe vem fazer algũas rapazias, porque não tem paciência para esperarem a ver como as desfaz. Porque ele não é como o escudeiro da minha terra, mordomo de todas as festas, que nunca pagava; por onde diziam já dele os Foliões da Arruda que assi desfizera o senhor fulano as festas como ele as fazia! Este nosso mundo não tem, certo, essa ruim

manha, nem nós podemos com verdade ter dele esta queixa porque, se bem as faz, melhor as desfaz.

R. C. — Olhai, no cabo do ano, ditosos e mofinos todos ficam iguais. Para todos houve verão e inverno, frio e calma e, assim ou assim, jantar e cea. Os prósperos e os desgraçados comparo eu com os velhos e os moços por ãa ladeira acima. Os moços, porque são de ordinário sãos, ágeis e robustos, a sobem de um fôlego. Os velhos, fracos, pesados e doentes (como costumam ser) vão devagar, assentam-se em ãa parte, descansam [RF56] em outra e enfim, enfim, lá sobem também. O ano é esta calçada longa e áspera de passar. Os poderosos são os mancebos, os pobres são os velhos. Mas todos, mais ou menos cansados, chegam ao fim do ano, ao termo e cume desta costa. E porque eu isto creio, como o considero, acho cousa indigna de homem prudente (quanto mais cristão!) que, só a fim de levar este passo um pouco mais descansado e ligeiro, façam os mortais tantos excessos que, querendo voar por donde basta ir andando, venham a resvalar e precipitar-se. Digo-vos que, se fora homem como sou relógio, que no tempo de hoje mais houvera de fazer por ser menos do que por ser mais do que Deus me fizera. O tempo é touro bravo e em tomando nos cornos um pecador, se ele por si mesmo se não faz morto, o mesmo touro o mata. Se, cosendo-se com o chão, não bole nem se defende, passa por ele e o deixa, as mais vezes, são e salvo.

R. A. — Lembra-me agora, por isso que ides dizendo, o que lhe vi suceder a um cágado com ãa águia, lá em certa alagoa de minha aldea. Veo a águia e, de repente, o levantou nas mãos, não com pequena inveja das rãs e de outros cágados que o viam ir subindo, vendo-se eles ficar tão inferiores a seu parceiro. Julgavam por grande ventura que um animal tão para pouco fosse assim sublimado à vista de seus iguais e que a mais nobre das aves, o rei dos pássaros, o levasse no colo tão honradamente. Seguimo-lo com os olhos, todos por emulação, eu só por curiosidade porque seu voo me não competia. Quando nisto, eis que vemos que, retirada a águia com sua presa sobre ãa serra, não fazia mais que levantar o triste do animal e deixá-lo cair nas pedras vivas até que, quebrando-lhe as conchas com que se defendia, deu um pequeno almoço à águia faminta e atreçoada.

R. C. — A Fortuna é muito disso. Tem o costume dos abades: engordam as galinhas muito de seu vagar, e matam primeiro a que está mais gorda. A rês [RF57] mais bem medrada é que faz maiores impulsos ao cutelo do carnicheiro; e ainda da criança mais bem criada, dizem as velhas, que sabem disso, está mais treita ao mau olho. Se pudera escolher a minha sorte nunca morara em grimpa.

R. A. — Esse juízo não é seguro em os que como nós estão apeados, por aquela regra de «mouro, o que não podes haver...» Romaria que se prometeu correndo tromenta jamais foi cumprida. Doente que fez propósito de não comer nunca do manjar por quem perdeu a saúde, sempre foi dele mais guloso, em se vendo são.

R. C. — Dir-vos-ei: todos somos relógios e sabemos que não há cousa que não tenha sua hora no mundo. O rir, o chorar, o trabalho e o descanso, a fome e a fartura, tudo tem sua hora; donde procede que não é fora de razão que os homens tratem tal vez de seu cómodo e tal de seu adiantamento, pois é certo que, para se regerem e dirigirem a bons fins e a termos úteis, lhes deu Deus entendimento que negou às alimárias, a quem deu menos, porque delas não queria receber tanto. Mas contudo já se sabe que é demasiada fanforrice que o ditoso não queira alguma hora ser mofino, persuadido de que as boas andanças são morgado que haja de andar em sua família para sempre, sem que se possa perder nem alhear. Por isso se diz, vulgarmente, que tudo tem sua hora.

R. A. — Não quisera eu ser aldemenos o relógio que tal hora lhe desse.

R. C. — Mas acrecento que, do mesmo modo, é cativa desconfiança cuidar o miserável que já nunca mais pode haver para ele ãa hora de ditoso.

R. A. — Vedes vós? Pois, se olharmos bem a cousa, nenhum deles tem grande culpa (a meu juízo) porque, por esta própria razão que a uns lhes dura muito a dita e a outros a desgraça, não há quem os despeça de sua larga companhia; aqueles não se conformam com que lhes falte a envelhecida prosperidade com que se criaram, e estes não podem crer que se lhes mude a contínua miséria que os perseguia sempre.

[RF58] R. C. — Enganam-se todos; e a razão é porque cada qual não conhece a origem dos males e dos bens e cuidam que são firmes, a modo da mulher que, por não tratar outro homem, entendia que todos tinham péssimo bafo, como seu marido. A Fortuna, melhor engenheira que Cosmander, costuma fazer o que fazia um cerieiro do meu bairro, destes que fabricam tarjas de cera para igrejas. Estava-o vendo trabalhar em um eirado que frisava muito com a minha torre, e notava de meu vagar a facilidade com que o bom do meu vizinho derretia os anjos e fazia deles carrancas; outras vezes, tornava as serpentes em flores, até que, alguma hora, cansado de brincos, reduzia anjos, carrancas, flores e serpentes a tochas, que ardiam até os cotos, e lá ia tudo! Tende por certo que, entre os homens, o mesmo sucede cada dia. Não se enforque o desprezado nem o prezado se engrampone, que para todos virá seu S. Martinho. Lembra-me ouvir contar no meu adro a certo velhustro que nele era muito contínuo...

R. A. — Chamava-o a campá.

R. C. — ...que lá não sei donde, era ãa vez ãa peça de pano azul que, por não servir para bodas nem mortuórios, havia mil anos que estava na tenda: porque os noivos o achavam triste para librés, e ledos os enojados para capuzes. Pois succedeu que passou por ali um rei com um tabardo da mesma cor. Não quiseram mais os vizinhos do lugar para amanhecer em casa do chatim e levar o pano às punhadas, depois de mui bem roído da traça, por muito mais do que valera em novo.

Estai seguro de que não há neste mundo cousa tão abatida que algũa hora se não veja levantada. A roda que se lhe pinta à Fortuna deve de ser de engenho de nora, donde os homens são alcatruzes: uns cheos, outros vazios, uns no fundo, outros no alto.

R. A. — Melhor estou com a história do pano azul que com a comparação do cerieiro. Porque que lhe faltava à gente que fosse de cera? De aí, má hora, vem o ordinário descontentamento em que todos andam [RF59] por se verem ser de um metal que, quebrado e desfeito, não presta mais para nada. Essa é a lida comum que, por mais que o vaso mau nunca quebra, não há vasilha nenhũa destas que se não tenha por boa e que não tema de que o ar a espedace e feneça para nunca mais ser soldada.

R. C. — Em vão se cansam e se defendem que isso, depois de Deus, está nas nossas mãos ou nas das horas, nossas filhas. Que importa a Dona Fulana ser toda uma tabuleta de ourives: testa de prata, cabelos de ouro, olhos de esmeraldas, faces de pérolas, boca de rubis, dentes de aljôfar, colo de cristal? Pois, em se descuidando tamalavez, com a idade lhe chega sua hora de velhice, contra quem não valem todos os estofos e badulaques que inventou a vaidade e a incontidência. Porque a prata se marea, o ouro se denigre, as esmeraldas embaçam, as pérolas desmaiam, os rubis descoram, o aljôfar se perde, o cristal estala, e tudo muda não só a forma mas a sustância do que era.

R. A. — Essa foi a razão porque a outra fermosa fazia concerto com a morte, prometendo de se lhe entregar cada vez que a chamasse, contanto que a defenderia do tempo que a não envelhecesse.

R. C. — Eis aí o maior engano dos mortais; porque a velhice é ãa piadosa estalagem que Deus pôs entre a morte e a gentileza, brio, esforço e saúde. Se entre o inverno e verão não houvesse de ãa banda o outono e da outra a primavera, quem pudera viver, passando desordenada e súbitamente das calmas aos frios e dos frios às calmas? Se entre o dia e a noite não houvera um e outro crepúsculo, que vista se averiguara com as luzes ou com as sombras, passando intempestivamente da claridade às trévoas e das trévoas à claridade? Da mesma maneira, e ainda muito mais necessária, interpôs a Providência a velhice entre a vida e a morte para que ali se domasse a fúria

dos affectos, se diminuisse a sobejidão do amor da vida, e o homem fosse perdendo o receio à morte, pela conversação dos achaques e companhia dos accidentes próprios da velhice. Senão, disse-me: quem poderia apartar-se liberalmente das felicidades humanas em meio delas, se, ainda depois de gozadas e depois de perdidas, custa tanta dor seu apartamento? Vem [RF60] então a velhice, a malencolia e o quebranto, de que procede o aborrecimento de todas essas cousas que se prezaram, e faz como os homens se despeçam da vida não só com conformidade mas, algũa vez, com alvoroço. Donde se viu que muitos sábios requestaram a hora da morte, e alguns da gentilidade bãrbaramente a anteciparam, por se verem livres das penalidades da vida.

R. A. — Desses devia de ser um desmanchado que, dizendo-lhe os médicos que morria, lhe respondeu: «ora folgo, por me não andar a vestir e despir todos os dias».

R. C. — Parece que se houve Deus com os homens como as mães com as crianças que querem desmamar: untam-lhe a teta com azevre, e logo que lhe toca o beijo da criatura e gosta o sabor amargoso, já toma entojo ao leite que por tão suave alimento até então recebia. Fazei conta que a velhice faz este próprio officio e vede agora se foi castigo ou mercê da natureza anteceder à morte a velhice, ou se seria melhor enganar a gente com a lisonja da mocidade, até a entregar nas mãos do fim, duro, pesado e incerto.

R. A. — Pelo menos, grande alívio é para nós o sabermos sem dúvida que cada cousa, por nobre e altiva que seja, tem sua hora, como vamos averiguando; e que corre por conta de nosso officio e dentro da nossa jurisdição o sermos executores da taxa que Deus pôs à ventura ou à desgraça, à vida e à morte de cada um.

R. C. — Muitas vezes me assombro só em cuidar que está o principe repousando nos seus colchões de brandíssima pena, guardado dos seus paramentos de finíssima grã, com um sono tão quieto como se o relógio da sua sala lhe não estivesse contando e descontando os próprios alentos que respira, sem lhe querer relevar o menor intervalo de que na vida lhe não faça desconto; e que lhe não valha o ser rei sábio e imperador potente nem o mandar prender o curso do relógio, porque, se o relógio pára, o tempo não descansa; e, finalmente, se lhe não dará de prazo ou espera um só instante além de aquele que lhe está assinado no livro da vida, que se guarda na Torre do Tombo do alto céu, do qual não há apelação nem agravo. Certo vos digo que, se os grandes [RF61] e os pequenos isto considerarem como convém, que, em vez do desprezo com que nos tratam, podiam amar-nos pelos mais fiéis amigos e servidores, dos quais vão sempre recebendo o aviso mais importante que há na vida. Pois, em estando a hora

determinada lá em cima, o mesmo é dar um de nós a hora que dar a contra-senha à morte ou à Fortuna para que se cheguem e façam sua execução.

R. A. — Bom é saber; e, por mais que se riam de vós (como dizeis), ninguém vos tire que sois relógio velho da cidade por quem, havendo passado muitas horas, é força que hajam passado muitos dias, semanas, meses, anos, que são os bancos da escola da experiência.

R. C. — Com palavrinhas doces me ides desonrando de caduco. Pois, sobre me haverdes ouvido toda esta pregação dos bens da velhice, sabe de certo, companheiro, que a fruta das horas é melhor para dar que para ter. Muito hei visto; e, se vos servem algũas das minhas observações ou desenganos, pedi que aqui me tendes.

R. A. — Dizia eu agora (já que nós podemos tanto) se lhe seria a um de nós permitido (quer fosse ou não chegada a sua hora) dar-lhe com a hora nos focinhos a um enfadonho e chafurdá-lo? Porque, se tal fosse, era melhor ser relógio que cónego de S. Tomé.

R. C. — Já vos disse que o fim das cousas era cousa das telhas para cima, e que em nossa mão não está mais que apontar e dar sinal a qualquer dos executores que o céu tem na terra, para que façam sua vontade. Mas não há dúvida que sucedem cousas graciosas e que parecem feitas acinte, nisto da hora de cada um. Que me dizeis a outro velho, rico, encartado, andar muitos anos sem querer dotar a sobrinha, no cabo escolhê-la por mulher, entregar-lhe quanto ganhou, chegar a dispensação de Roma e morrer ele ao outro dia?

R. A. — Par Deus! Tal hora teve bom gosto!

R. C. — E o tacanho adulator que, no fim de mil tempos de servidão, [RF62] alcançou o officio por maus meos, do qual indo tomar posse lhe resvala um pé à mula e dá com o valhaco no rio? Não presta?

R. A. — Merecia tal dia e hora engastoadá em ouro!

R. C. — E o mau ministro que, depois de enganar ao rei todo o tempo de sua valia, quando lhe mete, entre outras, a provisão falsa em que lhe faz mercê da comenda alhea, el-rei lha concede e dá com ele ao pé do pelourinho? Não vale nada esta hora?

R. A. — Oxalá de essas houvera todas as necessárias!

R. C. — Pois donde as dão as tomam, como dizem; e cada qual se desengane sem se fiar nas faltas do seu relógio. Porque alguns há que não cursam com estrondo e são como as serpentes que velam sem os olhos abertos. Cuidam os descuidados que para eles não corre o tempo nem as horas fazem seu officio, só porque não ouvem o relógio

da vizinhança. Ele, lá por baixo da capa lhe vai fazendo as culpas sumárias até que, chegada a hora em que sua liberdade fez termo, eis que vem súbitamente sobre ele o castigo. Leva-o o pecado e o relógio fica muito seguro no seu campanário.

R. A. — Ora de aí vem que das cousas que há no mundo mais faladas são as horas. Porque não há cousa na boca dos homens tão frequente como «em boa hora», «em má hora», «ide com as horas más», «vinde com as horas boas», «ũa hora muito fermosa», «nas horas de Deus», «logo nessas horas», «as horas peremptórias», «as horas sucessivas», «são horas», «a que horas», «a desoras», «fora de horas» e outros mil modos de dizer. Como se a gente em nenhũa outra cousa que nas horas empregasse o sentido. Até os matemáticos diz que chamam horas planetárias, até os físicos críticas, e até os poetas lhe chamaram vermelhas, e mulheres há que lhe chamam negras.

R. C. — As cores das horas lhes dão os sucessos, como já foi costume de algũa gente antiga que aos dias alegres e ditosos contavam com pedras brancas e aos tristes e desgraçados, com pedras negras; e como ainda hoje [RF63] nas confrarias se usa dados os votos na cor das favas, para encobrir a dos corações e para dizer sim ou não, tendo as brancas por afirmativa e por negativa as negras. Porém, nós, todos as ministramos de ãa cor própria. A superstição dos homens lhas pinta como quere porque, não contentes de serem tintureiros de affectos, o querem também ser das horas e cada um as tinge à sua vontade; mas isso não lhes val.

R. A. — Estou satisfeito nessa parte. Porém, como quereis que entenda isto que dizem horas minguadas? Porque já me teve este ponto tão escrupuloso que, porque me prezo de liberal, a troco de que as minhas horas nunca fossem horas minguadas, muitas vezes me succedeu que, em lugar de dar ãa e duas, dava vinte e trinta.

R. C. — Isto são termos sem cunhos nem cruces, que se andam metendo de gorra nas conversações com pés de lã, como sevandilhas em casa de jogo. Por onde toda a pessoa polida deve fugir de que entre o grão limpo das **palavra** boas, honestas e significativas se entremeta a ervilhaca e joio desses anexins próprios de regateiras.

Mas nada do que digo abate a honra da memória e nome de nossas horas, vendo que a Igreja, não só santa mas sapiente, em muitas partes faz grande estimação das horas, de sua significação e de seu nome. Assim, vemos nela cada dia celebradas as sete horas canónicas; assi, vemos fazer lembrança da hora do nascimento e da morte dos justos e ainda dos pecadores. E assim ouvimos (como eu muitas vezes dou fé que ouvi na minha igreja) que Cristo Nosso Senhor, e por ele seu sagrado coronista, chamou hora sua à hora de sua morte.

[RF64] R. A. — O mesmo ouvi e creio; mas nunca achei quem me declarasse a razão. Se vós, porque de tudo entendeis alguma coisa, ouvistes já algum prêgador que a desse, correi pela memória e dizei-me a causa de esse mistério.

R. C. — Cada ano mo declaravam a mi e aos mais ouvintes os varões apostólicos, segundo o sentido moral, místico e devoto que cada um seguia. Mas o que melhor me pareceu foi o que ouvi há muitos anos, bem longe de aqui, e me lembrará para sempre.

R. A. — E como era?

R. C. — Olhai: os homens, segundo temos discorrido, são sôfregos das horas da vida. Reservam todas para si afim de as dispenderem, vãmente, em seus passatempos. E, porque tomam e gastam por sua conta todas as horas da vida, só querem dar a Deus a hora de sua morte. Por esta causa, quando aos mais distraídos lhes morde no peito aquela saudável aranha da consciência, sempre lhes ouvimos oferecer a Deus a hora da morte. Mas Cristo, como sacrificou a Seu Eterno Pai todas as horas da vida, por isso mesmo recebeu do Padre aquela hora da morte para Si sòmente e lhe chamou hora sua, como por ele disse o Evangelista S. João; em a qual hora morreu tanto por sua própria vontade que a essa mesma hora de sua morte chamou só, em sua vida, hora sua. Mas isto basta de mandato, e sirva de maior realço ao officio e nome das horas confessar um tal coronista como S. João que também Cristo teve sua hora, notificando-a por tal a todos os viventes, para que não haja algum tão impaciente que desespere de saber a infalibilidade da hora que o está esperando, como hora sua.

R. A. — Muito me alegrastes com tão alto discurso. Certo que não havia sabido que éramos capazes de fiar tão delgado. Eu sou relógio cristão e louvo a Deus por tão grande mercê, porque, ainda que não vivo, como vós, das portas adentro com a Igreja, sempre lhe fui afeiçoado e, por parte dos metais, ainda sou parente muito próximo dos sinos da minha freguesia. Se todos já como eu se acharam tão bem instruídos no que lhes convém, nenhum duvidara, ou se esquecera da hora que para qualquer está guardada.

[RF65] R. C. — Até um livro me dizem que safu agora que chamam «Hora de todos», que, com galantaria digna de seu autor, se esmera muito em provar, com discursos e exemplos, esta verdade.

R. A. — Não sei o que aproveitará, porque esse livro lêem os homens desde o princípio do mundo sem que acabem de o crer, segundo obram diversamente do que se podia esperar de seu crédito e de sua doutrina.

R. C. — Contra esse descuido bradaram os sábios e os santos, e aos mais valeu pouco. Da mesma sorte nos sucede, porque, desde que somos relógios, damos horas e mais horas; e sendo estas já mais perto da hora de cada qual que as outras passadas, da mesma maneira ouve agora estas horas e as esquece, que esqueceu e ouviu aquelas que passaram. Pois em verdade que este estatuto da hora de todos e de tudo deve ser tão pontualmente observado que não há entre a gente mais pesada turbulência que seu esquecimento. Donde procede trocarem os homens as horas às cousas e, desta troca, todos os desconsertos do mundo que em nossa mão não está podermos remediar. Porque, considerai vós agora se um homem bailasse à hora de comer, e comesse à hora do dormir, e dormisse à hora de negociar, e negociasse à hora do descansar, se se pusesse ao sol à hora da sesta e se à sombra à hora do soalheiro, se andasse à hora de estar parado e se parasse à hora de ir caminhando, vede que tal seria sua vida, sua saúde e seus negócios!

R. A. — Estou tanto da vossa parte nessa parte que se me há posto nos cascos que os maiores desmanchos do tempo provém de se não fazerem as cousas a suas horas.

R. C. — Valha-me, ora, Deus! Que vos estou dizendo senão isso? Se a nau partir para a Índia à sua hora e se à sua hora a for esperar a armada, [RF66] a nau chegará em boa hora a Goa e em boas horas nos entrará pela barra dentro, dando-me a mim bem que fazer nos repiques dos meus sinos, esse dia. Do mesmo modo, se o exército for pago à sua hora, poderá o soldado comer e servir a suas horas, sair e recolher-se da campanha a suas horas. Mas que será se tudo isso for ao revés? Pois que direi? Se a justiça se fizer à sua hora e a mercê à sua hora, a justiça parecerá bem e a mercê melhor. Mas, se a justiça se faz ante tempo e fora de horas e a mercê fora de tempo e desorada, nem a justiça escarmenta como justiça, nem a mercê obriga como mercê, parecendo a primeira que é efeito da paixão e não de zelo, e a segunda, fruto do negócio e não da manificência. Fazei conta que um rei manda, por seu gosto, que cada oficial deixe a sua tenda, cada morador sua casa, e se meta, mande e obre na de seu vizinho. Dizei-me: haveria maior confusão em ãa república, por mais que os tristes de nós outros, os relógios, estivéssemos a medir e compassar e estremar o tempo, por ver se podíamos reger ou encobrir tamanha doudice? Porque não val a desculpa, que muitos dão, de se não poderem fazer as cousas grandes logo em suas horas, e que por isso se fazem nas horas próximas, que é quando podem ser. Também ali vive o batifolha junto do sapateiro. Porventura, porque se não entremete algum vizinho, trabalhará bem o batifolha no

ofício de fazer sapatos, ou o sapateiro na arte de amassar ouro? Por menos mal tivera deixar de fazer as cousas que fazê-las fora de suas horas. A sangria é saudável na crecença do dia e logo mortal pela sesta. O mesmo ferro agudo dá vida na hora que abre a postema, e mata na hora que dá a estocada. As faltas da impossibilidade são mais desculpáveis que as da malícia, ou sempre aquelas o são e estas nunca. A ninguém se pode com razão pedir conta do que não pode obrar, e ninguém a dará boa do que não quis ou não soube fazer, tendo cargo de saber e de querer obrar aquilo de que lhe pedem conta.

R. A. — Certo que, ainda que esta vinda me não importara mais que [RF67] ouvir-vos, eu dera por ditosos os aleives que cá me trouxeram, quanto mais que eu não sairei de aqui sòmente advertido mas consertado para sempre, pois, de hoje por diante, já sei como hei-de ser relógio, que até agora o não sabia.

R. C. — Dizeis o que há em vós, mas não o que há em mim que, assim tão mestre como me reputais e tão prático como entendeis que sou, de nenhũa outra coisa sirvo cá na cidade senão de escárnio e jogo da gente, ou alvo da perseguição e o negro da zombaria; e tantas são as pedradas que me tem tirado gentes a quem eu o não mereço, que às vezes me recolho e não dou as horas que havia de dar, só porque não lembre a ninguém nem saibam estes rapazes (que agora se costumam) donde me tem para me apedrejarem.

R. A. — Não entendo dos usos da Corte nem quisera saber desse. Mas dissei-me: virá isso, por ventura, de que os mais relógios da terra andem tão atilados que vós, em sua comparação, monteis deslustrosa, ou desaproveitadamente? Conforme ao que me dizeis, estou agora crendo que nos mais relógios se não achará um pequeno erro, nem um leve descuido.

R. C. — Senhor Relógio de Belas, crede que vos falo verdade, que jamais andei de amores com o meu merecimento. Tende, amigo, por certo que, assim como todos os homens são de barro, os relógios são de ferro e que, sem embargo dos matizes e tauxias de que neste tempo se adornam, todos somos sujeitos ao mugre e à ferrugem. Gastam-se-nos com o uso as molas, quebram-se-nos os dentes com o exercício, as cordas nos afrouxam com a continuação e, no cabo, não há nenhum de nós que não dê seu par de badeladas.

R. A. — Que mais claro se pode ver, que nas histórias que me contastes de aqueles dois relógios tão principais do Cabido e del-Rei?

R. C. — Tende ora, tende mão no martelo e tomaí um refego aos pesos, porque parece que ouço gente abrir essas portas.

R. A. — Assim é; e bem avisados estamos se nos ouviram!

R. C. — Não façais caso disso, que a relógios do chão ninguém os escuta. Porém, sem dúvida é o serralheiro que nos vem a consertar. Sus, calemos!

R. A. — Pois adeus, amigo.

R. C. — Adeus; e ãa só cousa te peço que leves para casa: sofre como [RF68] bom não só que te consertem os erros mas os mesmos acertos, porque por aí hão-de começar a emendar-te, que é manha dos mestres de agora. E então, depois de lhes deixares fazer em ti, a bel-prazer, toda a sua vontade, toma as de Vila Diogo para a tua vila.

R. A. — Assim determino fazê-lo porque, segundo o que ouço e tenho experimentado nesta primeira jornada, Marrocos por Marrocos, melhor é o campo que a cidade.

R. C. — Vai-te embora, ora, com as tuas horas. E leva crido que não há cá relógio, por mais alto que ele viva, que, por forrar de sobressaltos e ingratidões, se não fora antes ser badalo nas choupanas do Porto de Muges ou sino de cortiça na charneca de Monte Argil. Mas não digas que eu to disse, ouves-me?